

Boletim

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL
FIALHO DE ALMEIDA**



*"miando pouco,
assanhando sempre
e não temendo nunca"*

**NOVEMBRO/2018 • N.º 3 - II SÉRIE
CUBA**

Sumário

- 1** Editorial
- 3** Em Memória de Luís Amaro
- 4** Na Morte de Luís Amaro
António Cândido Franco
- 7** Fialho d'Almeida
visto por Brito Camacho
Recolha e notas
Luís Amaro
- 15** Fialho de Almeida:
Olhares sobre a Arte
Emília Salvado Borges
- 32** Casa Museu Fialho
de Almeida, Cuba:
Resultados dos trabalhos
de acompanhamento
arqueológico
Francisca Bicho, Luís Fialho
Consuelo Gomes e Teresa Ricou
- 47** Noticiário

Boletim da Associação Cultural Fialho de Almeida

N.º 3 - II Série
Novembro / 2018

Direcção / Coordenação
Francisca Bicho

Redacção
Apartado 25 - EC Cuba
7940-999 Cuba
ac.fialhodealmeida@gmail.com

Edição
*Associação Cultural
Fialho de Almeida*
NIPC N.º 504 485 989

Tiragem
500 exemplares

Capa
Isabel Marques

Composição / Impressão
BejaGráfica, Lda.
Tel. / Fax 284 322 250
7800-440 Beja

ISSN 2184-3309
Depósito Legal 142 282 / 99

O Boletim da ACFA está aberto a toda a colaboração, não se responsabilizando, contudo, a Direcção, pela publicação e devolução dos originais não publicados

Na Morte de Luís Amaro

▪ António Cândido Franco (Universidade de Évora)

Nada condeno. Quero/ acesa dentro de mim/ esta chama de amor/ por tudo o que é do mundo – assim cantou na juventude o mais humano, o mais compreensivo e o mais magnânimo dos poetas da sua geração, Luís Amaro.

Nascido em 1923 nas planícies carbonizadas do Baixo Alentejo, na região mineira, numa Aljustrel castigada pela fome, filho dum rústico modesto, albardeiro de profissão, mal fez o exame primário logo se empregou, teria então 10 anos, no cartório dum advogado local, Adeodato Barreto, simpática figura ligada à *Seara Nova*, onde aprendeu a escrever à máquina e pela primeira vez amou com arrebatada paixão e na primeira biblioteca que viu os livros, que passaram daí por diante a constituir o núcleo central da sua vida.

Estreou-se quase criança em letra de caixa e aos 12 anos via uma crónica publicada no semanário *Ala Esquerda*, não tardando a mudar-se para Beja, onde ingressou aos 14 anos como estagiário no *Diário do Alentejo*, aprendendo a rever provas, a indicar tipos e corpos, a escolher vinhetas, a redigir curtas notícias. Assalariado na biblioteca municipal de Beja, pôde então saciar a sede de leitura lendo os escritores da província natal, Fialho de Almeida, Brito Camacho, Manuel Ribeiro, Mário Beirão, Florbela, Julião Quintinha, seu primeiro diálogo epistolar aos 12 anos, mas também Ferrei-

ra de Castro, Campos Lima e outros expoentes da cultura operária da Iª República. Correspondente do jornal *Brados do Alentejo*, dirigido em Estremoz por Marques Crespo, não tardou em ser chamado para secretariar o jornal – tinha 16 anos.

É toda uma aura infantil à Dickens, assinalada pela separação da família, pela humilhação da pobreza e das pensões miseráveis, pelos abusos, pela promiscuidade, pela solidão, mas também pelo incomensurável e luminoso sonho que os livros rasgaram no seu horizonte interior, dando-lhe um deslumbramento de alegria e de compreensão que poucos conheceram em tão subido grau. Desafortunadamente ficou por fazer o romance da amarga e extraordinária infância deste espírito vivo e insaciável, de refinada e delicada sensibilidade!

A precocidade e a correção dos textos que faziam a primeira da folha de Estremoz, uma cultura já amadurecida, que fruto duma memória prodigiosa se tornaria depois enciclopédica, chamaram a atenção de homens mais velhos, João Pedro de Andrade em lugar cimeiro, que o incentivaram a partir para Lisboa, onde tudo indica só havia estado uma vez.

Sonho ainda dickensiano de conquistar a grande cidade à força de talento e trabalho, quem lho realizou foi Agostinho da Silva, então muito ativo na escrita das biografias e dos



cadernos de divulgação cultural, arranjando-lhe no Verão de 1941 – acabara ele de perfazer 18 anos – um modesto lugar de caixeiro na livraria Portugália, no coração da velha Lisboa, onde o patrão, o “senhor Dias”, depressa percebeu a invulgaridade do seu provinciano, deslocando-o para o primeiro andar, onde se tornou um dos pilares da editora que aí funcionava e onde ficou quase 30 anos.

Na quadra da livraria ou nos escritórios da editora conheceu e conviveu com Botto, Sérgio, Aquilino, Gaspar Simões, Armindo Rodrigues, Sena, Redol, Soeiro Pereira Gomes, Cesariny, Raul de Carvalho, Manuel da Fonseca, Sebastião da Gama, Antunes da Silva, David Mourão-Ferreira e muitos outros. Aí encontrou ainda Jacinto do Prado Coelho, que em 1970 o chamou para a revista *Colóquio/Letras* – a sua casa final até avançada idade, onde os mais novos o encontravam entre livros, jornais, cartas e provas a granel, nunca deixando de receber o seu fraterno incentivo. Em meio tão capcioso como o das letras o seu com-

portamento, tocado pela delicadeza, além de exemplar, era único – e assim ficará decerto *ad perpetuum*. Nunca lhe vi outra preocupação senão a de multiplicar a boa disposição junto dos próximos. Um dos remorsos de velhice que lhe rasgavam a alma era não ter convidado para almoçar um esquelido

Cesariny no Café Gelo, no final da década de 50, depois deste lhe haver gabado entusiasmado o bife que tinha no prato.

A tentação é fazer de Luís Amaro um caso de erudição autodidata. O contributo que deu a sucessivos dicionários, as indicações que prodigalizou a muitos, as bibliografias que investigou e completou, as inúmeras notas nem sempre assinadas que escreveu e dispersou, à espera hoje de recolha, justificam a avaliação. Fruto da cultura sindical da Iª República – viu e leu os primeiros jornais no sindicato mineiro de Aljustrel e os primeiros escritores que admirou faziam parte do escol d'A *Batalha*, órgão da C.G.T. –, este homem não pode, porém, para ficarmos justos ao seu legado, ser reduzido à função de cardeal-sacristão da cultura literária do seu tempo.

É como criador que há de ser apreciado. Mesmo não beneficiando das condições que a criação exige – durante 60 anos apresentou-se todos os dias às oito da manhã no escritório, não tirando para si um minuto –, nun-

ca deixou de cuidar no tempo que lhe sobrava da obra pessoal, cultivando-a com paixão e secreto orgulho.

Quando chegou a Lisboa com uma pena já aparada por anos de jornalismo, uma experiência prática que o pusera em contacto com uma curiosa galeria de tipos sociais, além duma inquieta e rica vida interior que lhe vinha do drama infantil que vivera e duma paixão especial pelo romance como género, tudo parecia apontar para que se tornasse, à imagem do seu grande Fialho, talvez o autor em que mais se reviu, autor duma poderosa e original obra narrativa – nova *comédia humana*, marcada pelo grotesco dum mundo impiedoso mas resgatável pelo choque dos grandes sentimentos fraternos.

A narrativa, todavia, não lhe interessou como criador e a prosa só para trabalhos de bibliografia e crítica o chamou. O que lhe conveio como criador foi a lírica, quase idílica e bucólica, escrita num verso curto, musical, muito seu, que não se prestava a qualquer boleio narrativo nem a qualquer malabarismo vanguardista e que cultivou como um jardim exótico e raríssimo. Daí ser o autor bissexto dum único livro, que teve primeira edição em 1949, *Dádiva*, e reedições sucessivas (1975; 2006; 2011), com o nome alterado para *Diário íntimo* – título justíssimo, que diz bem a forma vital como o autor metabolizou a poesia. E daí a ligação a um grupo de poetas com quem fundou uma das emblemáticas revistas da poesia portuguesa do séc. XX, *Árvore* [1951-53].

Vítima dum destino que o desclas-

sificou em criança, magoado e revoltado com as injustiças que sofreu e viu sofrer, sempre inquieto e às voltas com um nó interior que ele dizia o seu “grande drama”, tão inusitado em homem sempre disponível para as mais generosas “dádivas”, só a poesia, tal como ele a praticou num verso sortilego, que descendia de Pessanha, da pessoana canção da “pobre ceifeira” e da nota escuramente elegíaca de Pascoaes, lhe permitiu coar os grandes símbolos que traduziam a dor da sua requintada e ferida sensibilidade ao mesmo tempo que lha sublimavam numa música delicada e superior.

Recusando-se ao impulso narrativo, mostrando-se fria a qualquer estímulo cerebral, desconhecendo a prática do automatismo, mas não o poder catártico da imagem que lhe cifrava a vida interior, esta experiência poética realizou por meio da individuação de símiles gerais uma transubstanciação da emoção vivida. É como poeta que hemos de tratar o autor, não como erudito. Não pode ter sido acaso a escolha dum poeta, Gastão Cruz, para lhe traçar o justo verbete no *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, dirigido por João José Cochofel.

Agora que o último Olivier Twist nos deixou – quem sai hoje de casa aos 12 anos para não regressar? – saibamos reconhecer o que neste homem foi modelar, o muito que ele se nos adiantou, o pouco que fizemos para lhe retribuir a generosidade e o abandono em que tantas vezes deixámos a obra do apurado intérprete poético da alma humana que ele foi.